

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PATRICIA TABORDA RIBAS BAPTISTA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O RESGATE DOS VALORES

CURITIBA

2013

PATRICIA TABORDA RIBAS BAPTISTA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O RESGATE DOS VALORES

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientador(a): Profa. Msc. Cris Betina Schlemer

CURITIBA

2013

A Contação de Histórias e o Resgate dos Valores

BAPTISTA*, Patricia Taborda Ribas.

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR.

Polo UAB de Apoio Presencial em Rio Negro/PR

RESUMO – Este artigo foi elaborado para analisar a relação entre a contação de histórias e as mídias. Trata-se de uma pesquisa de campo, exploratória e, de intervenção pedagógica. Assim sendo, realizaram-se atividades comparativas entre o papel do educador na contação de histórias e o uso das mídias para a mesma função, procurando descrever através da fundamentação teórica o papel de cada uma nesse contexto. Os resultados obtidos através de coleta de dados com os alunos demonstraram que ambas são importantes, mas que o papel mediador do professor prevalece em relação às tecnologias (vídeo, Tv, softwares, etc). O trabalho aponta para um papel mais acentuado do professor na contação de histórias como estímulo ao processo sociolinguístico do educando. Portanto, a realização de uma pesquisa de campo envolvendo alunos e sua interação com as mídias através da estratégia do uso da contação de história, permitiu uma análise do envolvimento dos mesmos as atividades propostas. O grupo amostral consistiu de 50 alunos do 6º ano e 35 do 7º ano, na faixa etária entre 11 e 13 anos, distribuídos em três turmas nos períodos matutino e vespertino, no Colégio Estadual Dr. Ovande do Amaral. Os resultados apontam para a presença do professor mais proximal do educando, atuando como mediador na produção do conhecimento.

Palavras-chave: mídias; contação de histórias; Mediação.

1 INTRODUÇÃO

A criança quando chega à escola já é uma experiente e entusiasta leitora do mundo. Desde muito cedo ela começa a observar, prever, interpretar e atribuir significado aos seres, objetos, ações e situações que a rodeiam, inclusive no mundo das letras.

E, como é sabido, na Antiguidade os homens não escreviam, eles conservavam suas lembranças na tradição oral. Porém, como a memória era falha, usavam a imaginação para supri-la. E da palavra viva e animada surgiu o mito, que é o primeiro estágio da arte de narrar, vinculado ao sobrenatural e à superstição; deste, por conseguinte, nasceu o conto.

O processo de contar e ouvir histórias é uma atividade sempre presente na rotina das crianças, pois estas mesmas têm início no seu meio familiar, com relatos do seu cotidiano.

Desta forma, fazer uso desta ferramenta que é a contação de histórias dentro da sala de aula é uma forma prazerosa de inserir novos hábitos a vida dos nossos alunos, é oportunizar momentos de descontração, de novas descobertas e de expandir o universo cultural e imaginário, é uma forma atraente de instigar o aluno a trabalhar os conteúdos propostos e alcançar o objetivo da aprendizagem de forma significativa.

Esta pesquisa procurou enfatizar a literatura infantil através da interação com as mídias em sala, a importância da mesma no processo de ensino e aprendizagem visando à ampliação do desenvolvimento da linguagem oral e escrita dos educandos.

Com o surgimento da mídia impressa, a contação de histórias feita oralmente passa a ser mediada pelo uso do livro, que além da história traz ilustrações, que ajudam a criar as imagens acerca do que está sendo contado, fazendo com que as crianças viagem na imaginação. Além disso, a presença do livro estimula a criança a buscar outros para realizar novas viagens.

E com o avanço da tecnologia, além da mídia impressa, outros recursos midiáticos foram introduzidos, como por exemplo, a mídia vídeo, e podem ser utilizados no ambiente escolar para otimizar os resultados.

As histórias ilustradas nas páginas dos livros ganharam vida e passaram a ser contadas pelo vídeo, e de uma forma descontraída e agradável à criança mesmo sem

perceber está adquirindo novas experiências interagindo e viajando pelo mundo da imaginação.

Assim, a literatura infantil foi incorporada pelas mídias, como por exemplo, a obra de Monteiro Lobato “O Sítio do Picapau Amarelo” adaptado para a televisão nos anos setenta, e, posteriormente outras obras literárias de diferentes gêneros.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, elaborou-se o seguinte enunciado de problema: quais as implicações pedagógicas do uso de mídias e material impresso na contação de histórias para crianças na educação básica?

Neste contexto, o presente artigo através de uma pesquisa do tipo qualitativa, de campo, exploratória e, estudo de caso, objetivou-se verificar como a contação de histórias, mediada pelo uso da mídia impressa e da mídia vídeo pode beneficiar os alunos com relação ao seu comportamento na sociedade em que vive, e também se a absorção de valores realmente é contemplada, vindo a somar significativamente no processo de desenvolvimento da criança. Além disso, outros objetivos foram elaborados, entre os quais refletir sobre o papel do educador no ato de contar histórias com o uso de mídias e material impresso, comparar as formas atraentes de contar histórias e, analisar o significado das histórias infantis para o desenvolvimento cognitivo da criança.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O emprego das diferentes modalidades de mídia na educação vem ocorrendo há anos, cujos resultados vêm sendo pesquisados e mensurados através de análises por pesquisadores no campo educacional.

As mídias consolidaram-se como uma ferramenta a mais a dispor do professor para conseguir trabalhar os conteúdos em sala de aula de uma forma dinâmica, reunindo imagem e som, com movimento, seja através da televisão ou de vídeos, entre outros.

Por outro lado, o uso exacerbado das mídias tira de foco o papel do professor como principal condutor do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a aprendizagem para se concretizar necessita de diferentes estratégias.

Nesta fundamentação teórica, além da abordagem sobre o papel das mídias, contemplou-se a contação de histórias, uma vez que a inserção dessa modalidade de trabalho também é objeto de estudo quanto à sua implicação na aprendizagem de alunos na educação básica.

2.1 MÍDIA IMPRESSA

As mídias, sinônimo de “tecnologias”, tais como o rádio, a televisão, o computador, o jornal, entre outros, cada vez mais vêm fazendo parte da vida das pessoas.

A mídia impressa é um recurso que já faz parte do cotidiano escolar, seja por meio de um livro didático ou de literatura. É o formato de mídia mais antigo, composta por elementos como jornais, revistas, mala-direta, folders e catálogos. É todo tipo de material impresso que visa comunicar algo.

Os ensinamentos midiáticos levados para a sala de aula oportunizam por meio de ações, atitudes e brincadeiras um “fazer” diferenciado em sala, ou seja:

A criança denuncia o novo contexto do sempre igual. Ela conhece o mundo enquanto cria. Ao criar, a criança nos revela a verdade sempre provisória da realidade em que se encontra. Construindo seu universo particular no interior de um universo maior, ela é capaz de resgatar uma compreensão polifônica do mundo, devolvendo, por meio do jogo que estabelece na relação com os outros e com as coisas, os múltiplos sentidos que a realidade física e social pode adquirir (VIANNA, 2009, p. 140)

Por outro lado é necessário que o professor saiba trabalhar com as mídias em sala de aula adequando-as à sua prática pedagógica.

Assim, por mais que professores e alunos busquem o emprego das tecnologias de informação e comunicação, convém ressaltar que a integração dessa tecnologia aliada aos objetivos pedagógicos, no processo de ensino e aprendizagem, ainda está em construção.

Isso é necessário uma vez que as crianças são produtoras e consumidoras de cultura, tornando-se agentes ativas nas relações com a mídia.

2.2 MÍDIA VÍDEO

Para educadores que fazem uso desse recurso, o vídeo apresenta uma relação entre lazer e entretenimento, o que leva a despertar diferentes posturas, e expectativas em relação ao seu uso, pois os alunos veem a aula como uma forma de descanso.

Entre inúmeras vantagens, o vídeo deve ser aproveitado para chamar a atenção dos alunos para conteúdos do planejamento pedagógico e estabelecer relações com outras dinâmicas da aula.

No curso de mídias na educação, ressaltou-se (RIO NEGRO, 2012) que esse recurso midiático traz linguagens interligadas (falada, sensorial, visual, musical, escrita) que interagem e nos despertam os sentidos de todas as maneiras.

É necessário que o professor saiba utilizar o vídeo indo além do simples ato de exibir um vídeo para os alunos, ou seja, colocá-lo nas atividades pedagógicas, como ilustração, simulação, conteúdo, produção, integração, suporte, avaliação, entre outras, que permitem vários tipos de atividades como análise, leitura, dramatização.

Dessa forma, uma ressignificação do uso do vídeo em sala deve levar em conta que:

... os alunos de hoje demandam novas abordagens e métodos de ensino para que se consiga manter a atenção e a motivação na escola [. . .] Se valendo destes conceitos a utilização de vídeos representa nada mais que o uso do novo e do interessante, desperta a atenção do espectador e conseqüentemente amplia a visão e absorção da informação transmitida. A facilidade de acesso ao vídeo oferecida pela tecnologia consolida a eficácia deste recurso na construção /transmissão do conhecimento (FIALHO, 2009, p. 2).

Cabe ao educador, conectado com o seu tempo, mediar à fusão entre o tecnológico e o pedagógico, dando significação as TICs e as mídias no ambiente escolar, assim, pode fazer usos de diferentes modalidades de vídeos, entre os quais, os dinâmicos.

Isso posto, o vídeo configura-se como um recurso que pode ser manuseado com facilidade para se atingir objetivos específicos, já que proporciona a visualização e a audição, toca os sentidos, envolve os alunos, sendo amplo na sua extensão.

Isso vem de encontro ao que a maioria dos educadores defende, que de todas as tecnologias que atualmente fazem parte das escolas, considera-se o vídeo como o mais acessível aos professores, mesmo que alguns ainda apresentem dificuldade para utilizá-lo como recurso didático.

Moran (1994) na década de noventa, ressaltou que desde que se iniciou a inserção de tal tecnologia no ambiente escolar, até hoje pouco se investiu em programas de formação que capacitassem os professores para uma melhor utilização do vídeo.

Vale ressaltar que professor tem um papel fundamental no uso das mídias, pois elas não falam por si.

É seu papel fazer as relações, para dar as explicações, para contextualizar com o conteúdo que está sendo trabalhado, para estimular o aluno a buscar mais, a participar da construção do conteúdo.

Assim, diante das disponibilidades de atividades com o vídeo, resta ao educador, saber fazer uso desse recurso tecnológico tão importante, de fácil acesso e adaptar a sua realidade pedagógica.

2.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

As histórias contribuem muito para o desenvolvimento da linguagem, da escrita, do raciocínio e principalmente da imaginação. Pois a imaginação desempenha um papel importantíssimo em todos os aspectos do desenvolvimento, principalmente no campo social, através das brincadeiras e socialização com outras crianças, elas se desmistificam em cenários imaginários, criados por elas mesmas.

Assim, as histórias podem ser além de um espaço de significado aberto a emoções, ao sonho e a imaginação, um lugar favorável ao desenvolvimento do conhecimento social e a construção de conceitos, tais como os de cultura, civilização e tempo histórico, durante toda a infância.

Sabemos também que o adulto pode estimular a criança a adquirir o gosto pela leitura. O papel dos pais é de fundamental importância no ato de ler ou contar histórias,

pois eles contam as primeiras histórias às crianças quando pequenas sejam trechos de livros ou mesmo narrativas de quando eles eram crianças.

“Todas as crianças deveriam desde pequenas ouvir histórias, pois é através delas que desenvolvem a aprendizagem globalmente e também a compreensão do mundo interior e exterior em que são inseridas” (ABRAMOVICH, 1991, p.36).

As crianças, ao escutar uma história estão descobrindo o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções que todos atravessamos e vivemos, pois ela está vivenciando os problemas que vão sendo enfrentados, resolvidos pelos personagens das histórias. Assim, encontrarão caminhos possíveis para a resolução deles.

Ouvir e ler histórias são também desenvolver todo o potencial crítico da criança. É poder pensar, duvidar, se perguntar, questionar, percebendo que se pode mudar de ideia. Porém, o educador estará formando um cidadão crítico, participativo e consciente através de uma história.

“Portanto, através de uma história podemos viajar, descobrir outros lugares, outros tempos, outras maneiras de agir e de ser, pois tanto a criança, o adulto ou idoso, seja de qualquer idade, viaja na história”.(BETTELHEIM, 1980, p.49).

O ato de contar histórias provavelmente deve ter nascido com o homem desde o momento que ele sentiu necessidade de transmitir suas experiências preservando sua cultura e suas histórias.

“Contar histórias é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, uma predisposição, latente, aliás, em todo educador em toda pessoa que se propõe a lidar com crianças”. (COELHO, 1991, p.50).

O educador ao contar uma história estará desafiando, encorajando, solicitando, provocando conflitos cognitivos nas crianças, onde elas irão buscar através das histórias suas próprias hipóteses.

3 METODOLOGIA

3.1 PROPOSTA DE PESQUISA

A pesquisa tem como objetivo analisar como a contação de histórias, mediada pelo uso da mídia impressa e vídeo, auxilia no comportamento e absorção de valores na educação básica.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico adotado na investigação acerca do tema possui caráter qualitativo e exploratório, pela natureza dos dados a serem pesquisados e pelos objetivos a que se propôs perseguir.

Triviños (1992) lista cinco características da pesquisa qualitativa: o ambiente natural é a sua fonte direta de dados e o pesquisador é visto como o instrumento-chave; ela é descritiva, pois rejeita toda a expressão quantitativa dos resultados, uma vez que os significados são produto de uma visão subjetiva; os pesquisadores qualitativos preocupam-se com o processo e não apenas com os resultados e o produto; os pesquisadores tendem a analisar os dados indutivamente; o significado é a preocupação essencial dessa abordagem.

A pesquisa exploratória, por sua vez, é tida por Gonsalves (2003) como uma investigação que desenvolve e esclarece ideias, objetivando oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação sobre um fenômeno que é pouco explorado.

Quanto à abordagem metodológica, será através do estudo de caso que para Gil, trata-se de um "... estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, permitindo seu amplo e detalhado conhecimento" (GIL, 2004, p. 54).

A opção pela análise qualitativa tem como pressupostos: o ambiente como fonte direta dos dados; o pesquisador como seu principal instrumento; há uma maior preocupação com o processo/dinâmica; dá maior ênfase ao significado que as pessoas dão as coisas, à vida; o contexto, a construção a compreensão é o que vale; segue o processo indutivo de análise. Parte do fato; os dados são descritivos, etnográficos; o conteúdo é analisado, comparado, interpretado; aceita a subjetividade; buscar dados à distância; há uma maior preocupação com o resultado; a preocupação é muito maior com o porquê; dá ênfase à validade, fidedignidade, significância estatística; segue o

processo dedutivo de análise. Parte da teoria; os dados são descritivos, explicativos; o conteúdo é experimentado deduzido; tem como princípio o determinismo.

3.3 UNIVERSO DE PESQUISA E AMOSTRA

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Dr. Ovande do Amaral, na cidade de Rio Negro – PR, abrangendo o período de abril a maio de 2013, e contou com a participação de 50 alunos do 6º ano e 35 do 7º ano, na faixa etária entre 11 e 13 anos, distribuídos em três turmas nos períodos matutino e vespertino.

3.4 ETAPAS DO PROCESSO DE PESQUISA

A história escolhida para a aplicação da pesquisa é “*Pippi Meia longa*”, por abordar diversas situações onde podem ser trabalhados os comportamentos e valores.

O livro conta a vida de uma menina que perde a mãe e o pai, e vive sozinha, é uma história envolvente, aborda e contempla todo o conteúdo necessário.

Relacionar a educação com os valores tem muito a ver com a qualidade de ensino. Qualidade não significa apenas mais salas de aula, mais bibliotecas, mais recursos tecnológicos, mais laboratórios – aspectos estes quantitativos e mais caros -, mais também uma educação em valores humanos, embora seja a parte mais barata e às vezes mais altruísta da educação (ALFAYATE, 2002, p. 52).

Partindo desse princípio, o propósito da coleta de dados é analisar a contribuição da utilização das mídias em sala de aula, voltada para o resgate de valores humanos sem a intenção de discutir os valores em si, mas analisar a adesão da mídia impressa e da mídia vídeo como recurso pedagógico e verificar se esses recursos contribuem para a integração do grupo, para desenvolver a concentração, a harmonia, enfim, a prática de valores e virtudes.

4 RESULTADOS

4.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA SEM O LIVRO

No trabalho realizado com os alunos do 6º ano “B” apenas com a contação de histórias, os alunos fizeram perguntas no decorrer da transcrição da história interrompendo, procurando associar os personagens às etapas da história.

O imaginário dos mesmos na associação da contação histórias (objeto de estudo deste artigo) mais as imagens associadas à história demonstrou-se rico, permitindo a arguição, a elaboração de frases objetivas e concatenadas, incluindo a prontidão nas respostas. A mediação do professor nesse processo é de suma importância, pois neste trabalho, face às perguntas dos alunos, a contação, obviamente era interrompida diante do interesse dos alunos em criar pontes de articulação com a realidade vivida. Nesta etapa, apesar de não ser mensurável, constatou-se in loco de que os meninos fizeram mais perguntas do que as meninas, procurando sempre, aproximar o contexto da contação com suas respectivas realidades.

4.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COM O LIVRO

No 6º ano “A”, utilizou-se do recurso do trabalho com o livro. Os alunos não se empolgaram muito com a leitura, fato esse, constatado por outros professores, tornando-se assim uma variável para um trabalho que exija o emprego de leitura. Os alunos, de certa forma, contribuíram com a realização da pesquisa, cumprindo a tarefa. Quanto ao número de perguntas, constatou-se que a participação foi menor em relação ao 6º ano “B”. Pelas leituras efetuadas, nesse segundo processo, o papel mediador do professor é reduzido, ficando restrito ao produto, isto é, ao final da leitura para as considerações sobre o que foi lido, a contextualização, a incorporação de valores, códigos e seus significados.

Os alunos demonstraram interesse na história, sugerindo que outros livros fossem ofertados na sala de leitura.

4.3 FILME

Para o 7º ano “A”, optou -se em trabalhar um vídeo como estratégia de pesquisa. No início foi realizada uma preleção (sinopse) para que os alunos encontrassem motivação para assistir. No decorrer da aula, algumas conversas paralelas, motivaram a suspensão do vídeo para que assistissem em silêncio.

Ao término, foram apresentadas algumas perguntas sobre o que foi exibido, cujas respostas foram curtas e objetivas e com pouca contextualização, face ao poder de assimilação da imagem/áudio. Os alunos demonstraram interesse pelo vídeo, porém, quando indagados sobre o que foi exibido e suas relações com o cotidiano dos mesmos, foi necessário retomar alguns tópicos para lembrá-los das passagens significativas e sua ressignificação.

5 DISCUSSÃO

Pelas respostas obtidas através de um roteiro de perguntas, constatou-se que os alunos reconhecem o trabalho do professor na contação de histórias, pois facilita a interpretação das mesmas com interrupções, comentários, sugestões de ideias a partir das histórias, reflexões, atividades integradoras com mais de uma disciplina, relação com as famílias, etc.

Isso ficou evidenciado com os alunos do 6º ano “B” que ouviram a contação de histórias. Em relação à comparação entre assistir desenhos e ouvir a professora contar, uma esmagadora maioria optou pela última resposta, mostrando assim a importância do papel mediador do professor nessa estratégia de ensino. Em relação ao 6º ano “B” que ouviu a contação de história, é imprescindível destacar que:

A contação de história no contexto escolar é um dos recursos que o professor tem disponível para fazer com que seus alunos submerjam no mundo da leitura. E, quando tal acontece, poderão experienciar novos saberes, pois as experiências vividas e sentidas pelo leitor não se encerram ao final da história. Elas ficam lá volteando pelos meandros do ser humano (SISTO, 2005, p.70).

O 6º ano “A” que ficou com a leitura do livro, também teve seu momento de aprendizagem, pois segundo Coelho (2000, p. 16) as leituras “... estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro”.

Na contação de história, o aluno ao invés de “ouvir”, “escuta” de forma consciente o narrador, facilitando assim a incorporação de códigos linguísticos. Assim foi percebido com o 6º ano “B”.

Verificou-se que durante a contação ocorreu uma série de vivências entre o dito e o não dito no texto, possibilitando infinitas leituras pelos ouvintes. O bom leitor, no caso os alunos inseridos no trabalho quando na situação da intervenção, demonstravam não deixar as palavras entrarem apenas pelos ouvidos, eles as recebiam com os olhos atentos inclusive na performance e estabeleciam sentido ao texto escrito e interpretado por quem o lia. Numa comparação com a leitura de livro e a exibição de vídeos de um tema específico, ficou evidenciado que o uso da estratégia de contação de histórias possibilita essa e outras aprendizagens.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou abordar as histórias infantis numa comparação entre a contação de história e o uso das mídias para a mesma estratégia em sala de aula.

Nesse sentido realizou-se uma pesquisa de campo com alunos, oportunizando ambas as situações.

Constata-se que ao longo dos anos, vem ocorrendo uma redução dos meios impressos de comunicação ocasionada, possivelmente, pela coexistência da leitura desses impressos com outros suportes.

Para Melo (1999, p. 61) essa falta de materiais “que dispensam ou reduzem sensivelmente a mediação do código alfabético” (MELO, 1999, p.61) – criados pela moderna tecnologia.

Por outro lado o mesmo autor afirma que “... tanto o acesso quanto o tempo dedicado pelo público ao rádio e à televisão são maiores que aqueles destinados ao livro, ao jornal e à revista”.

É aí que escola deve valorizar as atitudes positivas nos alunos em relação à leitura.

Os resultados obtidos nos levam a entender que a escola pode oferecer de bom para o aluno é a imaginação e o encontro com a história de tudo que o rodeia. Um dos recursos utilizados para contar as histórias são as atividades artísticas, que proporcionam oportunidades de explorar e manipular vários materiais, auxiliando assim o desenvolvimento físico, motor, intelectual, raciocinar, criar e controlar-se para desenvolver as atividades. Através dessas atividades é que as crianças podem criar e recriar a própria história. É fundamental que desperte no aluno o interesse em ouvir e assim, conseqüentemente surgirá o gosto pela leitura.

A escola muitas vezes desconhece a história de cada criança, e é nessa hora que ela poderá ter seu espaço para contar a sua “história”.

As crianças que tem desde o início liberdade de expressão conseguem cada vez mais desenvolver seu vocabulário e conseqüentemente perderão sua timidez, pois aquilo que estão contando está sendo ouvido e valorizado.

O ambiente oferecido pelo educador à criança deve permitir experimentar, valorizar e prestigiar a obra construída, estimulando o processo de criação.

É importante despertar nas crianças o desejo de ler e ouvir histórias, enquanto é tempo.

Portanto, as histórias devem ser simples e sempre procurando buscar a interação das crianças e não a interferência do adulto.

As histórias existem para desenvolver uma ligação íntima entre o mundo da fantasia e da realidade. As crianças não possuem seu pensamento pronto, acabado. Elas estão em constante transformação. Assim como o mundo evolui, as crianças também passam por etapas de evolução e estão se desenvolvendo e formulando novos conceitos.

Nesse sentido, é um compromisso impostergável de todos os professores e, não somente da área de Comunicação e Expressão a responsabilidade de formar na escola sujeitos críticos a partir da seleção de leituras. Toda a escola deve ter esses objetivos como balizadores de toda a prática pedagógica.

Nas escolas, os professores devem planejar suas ações visando o sujeito de direitos, utilizando as tecnologias para contemplar as múltiplas dimensões da criança como a dimensão afetiva, cognitiva, corporal, criativa, sexual, linguística, lúdica,

expressiva, social, fantasia, curiosidade, psicológica, nutricional, brincadeira, faz-de-conta, entre outras tantas mais.

REFERÊNCIAS

CALDAS, G. (2006). Mídia, escola e leitura crítica do mundo. **Educ. Soc., Campinas**, v. 27, n. 94, p.117-130, jan./abr. 2006.

CASASANTA, Tereza. **Criança e literatura**. 4. ed. Belo Horizonte: Lê, 1974.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1994.

CINTRA, H. J. M. Dimensões da interatividade na cultura digital. Dissertação (Mestrado) - PUC, São Paulo, 2003.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

JONES, Gerard. **Brincando de fazer monstros: por que as crianças precisam de fantasia, videogames e violência de faz-de-conta**. São Paulo: Conrad, 2004.

FEILITZEN, Cecília von. **Educação para a mídia, participação infantil e democracia**. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília von (Orgs.).

FIALHO, Vanessa Ribas. Do vídeo cassete ao youtube. A(r)evolução do uso do vídeo na sala de aula de línguas estrangeiras. III Encontro Nacional do Hipertexto. Belo Horizonte, out. 2009. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/b-f/do-videocassete-ao-youtube.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2013.

MELO, M. J. Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura. In BARZOTTO, V. H. (org.) **Estado de leitura**. Campinas: Mercado de letras, 1999, p. 61-94.

MORAN, José Manuel. O Vídeo na Sala de Aula. **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

MORAN, J. M. “O vídeo na sala de aula”, 1995. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>, acesso em: 14 abr. 2013.

TOCANTIS, Raimundo; NEVES, Ivânia. Escola, televisão e cultura: uma perspectiva de letramento utilizando a mídia televisiva no contexto escolar. **Anais do SILEL**. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

YIN, R. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1998.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1989.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

SISTO, C. **A literatura frequenta a escola... Mas quem conta as histórias?** In: PAROLIN, I. C. H. (Org.). **Sou professor! A formação do professor formador**. Curitiba: Positivo, 2009. p. 67-71.